

EDUCAÇÃO PARA A MORTE: DESAFIOS DA FAMÍLIA E DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO.

Rodrigo Feliciano Caputo, Sílvia Aparecida Fornazari
Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UNISALESIANO – Lins/SP.
caputo_br@yahoo.com.br, silfornazari@yahoo.com.br

RESUMO

Embora pareça que morte não é assunto para criança, isso não se confirma no trabalho realizado numa escola de ensino fundamental de Lins-SP, cuja queixa inicial eram problemas de comportamento e aprendizagem. Na busca de compreender a dinâmica escolar destes alunos, percebeu-se que entre outras estes apresentaram a necessidade, de um espaço para expressarem-se em relação à morte, o que ocorreu em atividades que não diziam respeito a esta temática especialmente. Numa classe de 20 alunos, constatamos os seguintes números: 2 perderam o pai abruptamente e a maioria haviam perdido parentes de primeiro grau. Através deste trabalho percebe-se as dificuldades dos professores e pais abordarem este tema que tornou-se um tabu na Sociedade Ocidental, os quais muitas vezes adotam a estratégia ineficaz do silêncio. Assim, muitas vezes não é proporcionado aos filhos e alunos um espaço para que possam expressar-se e, conseqüentemente, elaborar seus lutos.

Palavras Chaves: Luto. Educação para a morte. Psicologia Escolar.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo o homem e a sua condição de ser finito e, conseqüentemente, a necessidade do favorecimento, desde a infância, da criação de formas de enfrentamento, tanto em relação à morte simbólica, gerada pelas “mortes em vida”; quanto pela morte propriamente dita, seja a de entes queridos ou a pessoal. Assim, facilitar uma educação para a morte é de suma importância, uma vez que a morte é inevitável e universal, ou seja, todos um dia se depararão com as suas várias nuances.

Embora a morte faça parte da existência humana, muitas vezes é escancarada (e muitas vezes banalizada) pela mídia, na qual todos os dias vemos homicídios, ações terroristas, guerras, suicídios, acidentes de carro e aéreo, etc. Em contrapartida, o espaço para a morte íntima (de entes queridos e pessoal) tem sido encurtado em nossa sociedade.

Levando-se em conta que a família e a escola, em nossa sociedade pós-moderna, têm a função de promover a socialização das crianças, isso nos indica que é justamente nestas instituições que se faz necessário a abertura de espaço à educação para a morte.

Em consonância com tais dados, trabalhos realizados numa escola do ensino fundamental de Lins-SP, cuja queixa inicial eram os problemas de comportamento e aprendizagem dos alunos, remeteram à busca de compreensão da dinâmica escolar destes alunos, os quais entre outras, apresentaram no decorrer dos encontros, a necessidade de um espaço para expressarem-se tanto cognitivamente quanto afetivamente em relação à morte.

Através destes trabalhos na escola percebemos também as dificuldades dos profissionais da educação e pais de abordarem este tema com as crianças, já que o mesmo, a partir do século XX, tornou-se um tabu na Sociedade Ocidental (ARIÉS, 1989).

Embora cada vez mais a morte adentre o contexto familiar e escolar, estas duas instituições, na grande maioria das vezes, apresentam-se despreparadas, adotando assim, a estratégia do silêncio, a qual se mostra ineficaz. Assim, muitas vezes não é proporcionado aos filhos e alunos um espaço para que possam expressar-se e, conseqüentemente, elaborarem seus lutos.

Este trabalho não busca esgotar o tema, mas quer sim, contribuir para uma discussão e ampliação do mesmo. Pois, a nossa sociedade ao “matar” a morte e encurtar o seu espaço em nosso meio acaba “matando” as possibilidades de criação de meios de enfrentamento e elaboração do luto, os quais são fundamentais ao homem que é mortal e tem consciência disso, fato este que lhe causa angústia e, conseqüentemente, traz consigo a necessidade de lidar com a morte, pois como diz o ditado popular “a maior certeza que o homem pode ter é que um dia há de morrer”.

DESENVOLVIMENTO

Este trabalho refere-se a uma pesquisa bibliográfica e descritiva.

O homem diante à morte no decorrer da história

O homem possui a condição de mortal e a consciência disto o angústia, entretanto, este tem no decorrer da história lidado de maneira distinta com a morte. Áries (1989) em suas pesquisas constatou que o homem ocidental apresenta, no decorrer da história, mudanças quanto as suas atitudes, imagens e representações em relação à morte.

Na primeira Idade Média (do século V até o XII) a morte era “domesticada”, “familiar”, ou seja, havia certa intimidade entre o morrer e o cotidiano da sociedade, a tal ponto que este ato era encarado como algo natural da vida.

Embora desde o começo da Idade Média até o século XIX as institucionalizações e, conseqüentemente, as atitudes do homem perante a morte e o morrer sofreram transformações importantes e sutis, estas por sua vez não alteraram a familiaridade com a morte e com os mortos.

A partir da segunda metade do século XX, passa a ocorrer uma mudança brusca, na qual a morte deixa de ser familiar e passa a ser um objeto interdito. Um fator material importante que impulsionou esta transformação foi a transferência do local da morte. Já não se morre em seu domicílio, no meio dos familiares, mas sozinho no hospital (ARIÉS, 1989); bem como o velório deixa de ser realizado na casa da família, pois cada vez menos é tolerada a presença do morto em casa, tanto em função de questões de higiene quanto por falta de condições psicológicas de vivenciar esta situação (MARANHÃO, 1986).

Segundo Carvalho (1996) na atualidade evita-se falar de morte, bem como de ver o corpo do moribundo, pois isto nos traz à consciência a idéia de nossa própria finitude.

Segundo Souza (2002), o fenômeno da interdição ocorre não só em função da morte deixar de ser vivenciada, mas também pelo fato da cultura ocidental passar a priorizar a preservação da felicidade.

Outro indicativo para a interdição da morte na atualidade se dá em função da contrastação que a mesma provoca numa sociedade cada vez mais tecnológica

como a nossa e totalmente voltada para a produção e para o progresso (COE, 2005; MARANHÃO, 1986; VILAR, 2000).

E por fim, há apontamentos de que esta negação da morte é um problema das sociedades individuais, nas quais a dor da perda gerada pela morte é mais intensa do que nas sociedades coletivas, as quais possuem relações sociais que vão além do próprio indivíduo, o que lhes possibilita a diluição da dor na coletividade e que os mesmos encarem a morte de modo natural (SANTOS, 2000; VILAR, 2000).

O homem diante às várias faces da morte.

Quando se fala em morte, imediatamente pensamos na finitude da vida, ou seja, logo pensamos na morte física. Entretanto, antes disto ocorrer de fato, o ser humano vivencia e elabora no decorrer de sua existência várias mortes, as quais Kovács (1996) chama de morte em vida.

A existência humana é marcada pela presença da morte em vida, o que de certa maneira acaba nos remetendo a idéia de nossa finitude; bem como formando em nós representações sobre a morte, tais como: dor, ruptura, tristeza, perda, medo do desconhecido, interrupção.

No leque dessas experiências encontramos algumas bastante evidentes como a doença e as separações. Entretanto, há outras não tão evidentes assim, pelo fato de serem seguidas de festas e comemorações, porém traz em seus meandros as nuances da morte, dentre essas podemos citar: desenvolvimento humano (adolescência, vida adulta, etc.); viagens; casamento; nascimento dos filhos, etc. Mais que sobreviver a essas mortes o sujeito muitas vezes consegue após a ocorrência destas dar um sentido e ressignificar a sua vida (KOVÁCS, 1996).

A morte: marco da finitude existencial.

Se por um lado as mortes simbólicas ocorrem durante toda existência e não são definitivas isso não livra o homem da morte física, a qual marca a finitude da existência do ser. Esta, ao contrário da primeira, é definitiva, irreversível e universal, uma vez que esta faz parte da condição humana (mortais).

Quando o assunto é a morte concreta não existem especialistas, pois todos são leigos, uma vez que como lembrou Epicuro (CLÉMENT. et al., 1997) enquanto existirmos, a morte não está, e quando a morte está nós já não estamos. O limiar de nossa experiência encontra-se nas mortes em vida, o que no máximo nos remete a experiência da perda, da dor, da saudade de um ser insubstituível e único, mas ainda assim, nem se quer esbarramos na experiência do morrer.

Isso se dá, pois

da morte, nela mesma, dos mortos, não há nada a dizer. Eles estão do outro lado de um limiar que ninguém pode transpor sem desaparecer, que nenhuma palavra pode alcançar sem perder todo sentido: mundo da noite onde reina o inaudível, ao mesmo tempo silêncio e alarido (VERNANT¹, 1982, citado em GIACOIA, 2005, p. 14).

Com isso é possível verificar que a morte concreta é paradoxal, uma vez que é marcada por certezas e incertezas. Por um lado, temos a certeza de que todo

¹ VERNANT, J. P. Mort grecque mort à deux faces. In: L'individu, La Mort, L'Amour. Soi-Même et L'Autre em Grèce Ancienne. Paris: Gallimard, 1982, p. 86.

homem é mortal, ou seja, passou ou passará pelo crivo da morte; a qual é definitiva e irreversível. Por outro lado não sabemos se ocorre algo; e, se ocorre o que de fato ocorre após o óbito do homem. Tudo que nos resta são as representações, impressões, fantasias e crenças, mas nada mais nos é dado nesta vida para decifrar o mistério da morte.

De fato o homem é um ser-para-a-morte (*Zein-zum-tode*), a morte é uma estrutura essencial da existência humana, pois como se vê, a vida humana é marcada por esta, morremos todos os dias (HEIDEGGER, 1989). “De tal maneira, que o dia em que se deixa de viver não é o dia que se morre, mas, sim, em que se acaba de morrer” (MARANHÃO, 1986, p. 70).

A importância de uma educação para a morte.

Como podemos averiguar, a morte, seja simbólica ou física, adentra na vida de todo ser humano, desde a idade mais tenra, através das: fases do desenvolvimento, separações, doenças, perdas de animais de estimação e entes queridos. Assim, é de suma importância que seja dado suporte as crianças tanto na escola quanto na família sobre as concepções que esta vai realizando sobre a morte, uma vez que o conceito de morte é um dos fundamentos organizadores mais importantes da vida, tendo em vista que resulta em conseqüências relevantes tanto na formação da personalidade quanto do desenvolvimento cognitivo (TORRES, 1999).

Partindo dessas evidências é possível postular que tanto a família quanto a escola devem estar abertas ao tema da morte quando este emerge nas vivências e fantasias das crianças.

É verdade que falar sobre a morte para criança é uma tarefa árdua, uma vez que o adulto que fala se depara com a sua própria finitude, seus medos e ansiedades; bem como acaba levando a criança a se deparar com esses sentimentos e, às vezes, independentemente do que se faça acabasse por feri-la (TORRES, 1999).

Na busca de não ferir a criança, o adulto evita tocar no assunto, utilizando a estratégia do silêncio. E com isso, muitas vezes acaba subestimando a percepção que a criança tem sobre a situação, pois ainda que não lhe digam que o avô faleceu, ela vê semblantes tristes, pessoas chorando pelos cantos e sussurros. E assim, a tática do silêncio acaba sendo inútil e as vezes prejudicial, uma vez que a criança pensa ter que guardar para si suas dúvidas e sentimentos em relação a este assunto.

Não é porque algo vai gerar sofrimento à criança que isto não deva ser dito a esta, pois com o tempo, temos aprendido que esta estratégia, embora busque poupar as crianças de desprazeres, acabam dificultando a elaboração de seus lutos.

A dor acompanha as mortes e o processo de luto se faz necessário; a criança também processa as suas perdas, chora, se desespera e depois se conforma como o adulto. Certamente não expressará a sua dor, se não souber que aconteceu uma morte, entretanto a criança percebe que algo aconteceu, pois todos estão agindo de uma forma diferente (KOVÁCS, 2002, p. 4).

Torres (1999) aponta que privar a criança de um processo de luto sadio pode produzir comportamentos compensatórios que influenciarão seu desenvolvimento subsequente por toda a vida.

Tomemos como exemplo outros temas difíceis de serem tratados com as crianças que outrora eram ocultados das mesmas, sendo que hoje grande parte dos psicólogos e profissionais da educação defendem que estes temas devem ser tratados com a criança, ainda que isso lhe cause sofrimento, dentre estes podemos citar: sexo, separação dos pais, adoção, etc.

Por mais difícil que seja falar e por mais duro que seja para a criança escutar a verdade sobre as questões relacionadas à morte, esta prática parece ser a mais salutar, mesmo porque podemos supor que se a criança está indagando sobre tal assunto é porque algo, no mínimo, lhe causa estranheza.

Embora a criança necessite de um espaço no qual ela possa ser atendida quanto aos seus questionamentos e possíveis angústias em relação à morte, isso raramente acontece em nossa sociedade. Segundo Torres (1983), os psicanalistas existenciais apontam que se na primeira metade do século XX o grande tabu é o sexo, na segunda metade o grande tabu passa a ser a morte.

Hoje, desde a mais tenra idade, as crianças já sabem de onde vieram, tendo noções sobre a sua concepção. Entretanto, muitas delas pensam que o avô falecido foi fazer uma viagem longa ou foi morar num jardim.

O desafio para os profissionais da educação: falar sobre morte.

Conforme se pode ver a morte de uma forma ou de outra, acaba adentrando na vida das crianças e estas precisam ser auxiliadas a fim de que possam elaborar os seus lutos, pois segundo Bowlby² (1985, apud TORRES, 1999) é possível a criança, tal como o adulto, elaborar de maneira sadia o seu luto.

Entretanto, isso ocorrerá dificilmente se pais e professores impuserem à criança o silêncio, porém se estes acolherem suas dúvidas, fantasias, medos, pensamentos, etc. acabaram favorecendo para que as mesmas elaborem os seus lutos de maneira salutar, uma vez que, para a criança, ser ouvida equivale ao mesmo de ser reconhecida.

Kovács (2003) aponta que os profissionais da educação alegam que não foram preparados para falar sobre a morte com as crianças, uma vez que não tiveram nenhuma disciplina que tratasse deste tema durante a formação, o que é fato; bem como muitas vezes a escola aponta que não tem como abordar tal tema por falta de tempo e de pessoal ou que a morte é algo bastante pessoal e, portanto, não deve ser discutida no colégio e por fim argumenta-se também que os professores se sentem desconfortáveis em tratar deste assunto com os alunos.

No entanto, cada vez mais vemos a morte adentrar os muros das escolas e atingir direta e indiretamente os alunos, tendo em vista que a morte tem cada vez mais invadido o cotidiano destes. Embora seja fato que a escola tem uma série de dificuldades para abrir espaço para tratar da morte, não tratá-la, no atual contexto, é uma atitude negligenciadora, uma vez que, os alunos passam a maior parte do seu tempo nesta instituição.

Portanto, é fundamental que os professores recebam formação a respeito deste tema, seja na graduação ou em cursos de formação, a fim de que a morte possa ser tratada com os alunos através da inserção deste tema no currículo ou quando esses de maneira espontânea trouxerem questões relacionadas. O que não pode ocorrer é a escola “fechar os olhos” para tal temática e imaginar que isso só ocorre atrás do muro da escola ou que seus alunos ao adentrar na sala de aula deixam para trás suas angústias advindas de lutos não elaborados ou mal elaborados.

² BOWLBY, J. **Apego e perda**. vol. III. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Como falar com as crianças quando o assunto é morte.

Ao tratarmos sobre a temática da morte com a criança é preciso levar em conta alguns fatores: desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento afetivo e uma comunicação apropriada.

O conceito morte possui três dimensões fundamentais: irreversibilidade, denota que uma vez instalado um quadro de morte já não se pode voltar a vida; não funcionalidade, que refere-se a compreensão de que todas as funções que caracterizam a vida cessam depois da morte; e universalidade, a qual é a compreensão de que todo ser vivo inevitavelmente morre.

Torres (1999) aponta que os dados da literatura, de modo geral, indicam que a idade cronológica é uma variável fundamental na evolução gradual do conceito de morte.

Nagy (1948, 1959 apud TORRES, 1999) investigou a conceitualização de morte primeiramente levando em conta a idade cronológica e num segundo momento o nível cognitivo. A partir de suas constatações postulou a existência de 3 etapas: na primeira a criança de até 5 anos compreende a morte como reversível, ou seja, não concebe a morte como algo definitivo, mas temporário; na segunda etapa que vai de 5 a 9 anos a criança passa a compreender a morte como irreversível, porém não como universal e na terceira etapa que vai dos 9 anos em diante, ela passa a compreender a universalidade da morte, ou seja, que todo ser vivo morre, inclusive ela.

A morte não é só um desafio cognitivo, mas também afetivo, pois tal como o adulto a criança sofre uma grande dor ao perder seus entes queridos; bem como no enfrentamento de suas mortes simbólicas, pois ainda que elas não expressem verbalmente estes sentimentos e emoções, estes acabam sendo projetadas nos jogos, brincadeiras e desenhos.

Já quanto aos fatores ligados ao desenvolvimento afetivo da criança e às implicações deste nas reações desta frente à morte, podemos citar que durante o desenvolvimento infantil a criança apresenta o pensamento mágico e a onipotência e é a partir destes dois parâmetros que ela passa a se relacionar com as suas vivências. Assim, quando alguém morre, ela pode se sentir culpada e isso de alguma maneira abala o seu sentimento de onipotência, em função de não poder devolver a vida aquele que se foi (KOVÁCS, 2002).

Quando a criança perde irmãos mais velhos, essa pode começar a apresentar comportamentos regressivos com o intuito de, na fantasia, não chegar à idade do irmão que morreu (TORRES, 1999); bem como pode apresentar sentimento de culpa ao atribuir seus possíveis sentimentos de rivalidade, para com o irmão, como causador de sua morte (KOVÁCS, 2002).

Quando se trata da morte de um dos pais a criança pode vir a sentir raiva deste por sentir-se abandonada, sentimentos como culpa também podem surgir; bem como pode vir a se sentir insegura, pois de alguma forma é quebrada a sua fantasia a respeito da onipotência dos pais, fato que pode levá-la a conceber o mundo como um lugar inseguro (KOVÁCS, 2002).

Assim,

[...] algumas medidas são importantes, tais como: promover a comunicação aberta e segura dentro da família, informando a criança sobre o que aconteceu; garantir que terão o tempo necessário para elaborar o luto, e que terão um ouvinte compreensivo toda vez que expressarem saudade, tristeza,

culpa e raiva; e, finalmente, no caso da morte de um dos pais, assegurar-lhes que continuarão tendo proteção, pois não é incomum que a criança tenha medo de perder o pai sobrevivente e de que a morte venha buscá-la também. Essa garantia de segurança será facilitada quando a criança tiver tido um relacionamento seguro com os pais antes da perda (TORRES, 1999, p. 123).

É importante salientar que a eficácia destas medidas está intrinsecamente associada a como a família atendia a possíveis curiosidades das crianças em relação à morte, antes da perda, pois caso essas solicitações tenham sido minimamente atendidas isso facilitará o processo de elaboração do luto da criança.

Entretanto, quando a criança sofreu repressões quanto a suas curiosidades em relação à morte, quando a mesma vivencia suas perdas pode apresentar: fobias, distúrbios comportamentais e problema de aprendizagem. Uma vez que a escola é o seu ambiente natural é comum que as crianças tenham esse ambiente como o seu principal foco de deslocamento e assim, venha a apresentar decréscimo nas notas, problemas de comportamento, desinteresse etc. (TORRES, 1999).

Porém, é importante ressaltar que o fato da criança vivenciar uma experiência de morte não implica que necessariamente ela apresentará dificuldades de aprendizagem, pois é importante lembrar que entre os fatores ambientais e os comportamentos emitidos em função destes, existe um sujeito singular que apresenta diferentes recursos de enfrentamento às vicissitudes da vida.

A partir de todos esses fatos fica evidente a relevância do estabelecimento de uma boa comunicação a respeito da temática morte, seja na família ou na escola; bem como a importância de se levar em conta neste diálogo o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, a fim de que possamos favorecer a sua assimilação e elaboração nas questões relacionadas à morte.

Segundo Torres (1999) embora, não exista uma “receita” para falar sobre morte com crianças, algumas orientações podem nos nortear e possibilitar uma comunicação mais assertiva, tais como:

- Fazer uso da linguagem da criança comunicando-se com esta de maneira simples, direta e objetiva;
- Ouvir e observar a criança, ou seja, estar atento tanto à comunicação verbal quanto não verbal expressa pela mesma;
- Dar liberdade para que a criança pergunte livremente, deixando que esta estabeleça o que deve saber e o que não deve saber;
- Usar um tom de voz natural;
- Ser honesto admitindo possíveis dúvidas, caso estas ocorram, uma vez que fazem parte da vida os problemas sem respostas;
- Não fazer uso de símbolos sentimentais ou eufemismos tais como (“Foi fazer uma longa viagem”; “adormeceu”; “Deus o chamou porque era bom”; etc.).
- Evitar associar doença-hospital-morte, para que a criança pequena não venha a relacionar a morte com doença e ida ao hospital, a fim de que o medo da morte não seja intensificado quando for acometida pela primeira e tiver que ir ao segundo;
- É relevante compartilhar a fé quando de fato a possui, caso contrário não se deve utilizá-la como meio de explicação sobre a morte, tendo em vista que assim possa vir a confundir a criança;

- E por fim, abraçar e acariciar a criança são tão relevantes quanto escutá-la e falar com ela e, assim, estaremos acolhendo a criança na sua totalidade.

A elaboração do processo de luto pela criança é fortemente influenciado pelo que lhe é dito e da forma como lhe é dito, fato este que evidencia a importância da abertura de um canal de comunicação para com a criança; bem como a utilização de uma comunicação de qualidade. Com isso não evitaremos totalmente os seus sofrimentos, mas estaremos colaborando enormemente para que esta elabore o seu luto e desenvolva meios mais saudáveis de enfrentamento diante das perdas, rupturas e mortes que a vida reserva para todo ser humano.

Os estágios em Psicologia Escolar, as crianças e a morte.

Amparados pela literatura, bem como pelos fatos do nosso dia a dia percebe-se que a sociedade pós-moderna “matou” a morte, ou seja, a morte tornou-se interdita, um tabu. Porém, paradoxalmente, o homem, conforme vimos, tem toda a sua existência marcada pela morte: são doenças, fases do desenvolvimento, escolhas, separações e a morte propriamente dita, que de fato marca o término de nossa existência.

Durante os estágios em Psicologia Escolar, em uma escola estadual de ensino fundamental, em Lins-SP, embora a queixa inicial apontada pela diretora, coordenadora pedagógica e professora, de uma 2ª série, fosse de problemas de comportamento e aprendizagem, outras necessidades surgiram no decorrer dos encontros, entre essas a importância de abrir espaço para uma Educação para a morte na escola.

Tratava-se de uma 2ª série que tinha 20 alunos, de 7 a 9 anos. Os encontros ocorreram durante 3 meses, do primeiro semestre de 2007, sendo que 2 desses alunos narraram o assassinato de seus pais, ou seja, 10% das crianças daquela sala vivenciaram a morte do pai de uma forma abrupta.

Em todos os encontros a classe era dividida em dois grupos de 10 alunos, sendo que para fins didáticos foram denominados Grupo 1 e Grupo 2, e eram realizadas nestes, uma atividade, sendo que num desses encontros o intuito era mostrar-lhes que algumas coisas podem ser conservadas e outras estragadas e o que dependeria para a ocorrência de uma coisa ou outra seria a atitude deles, a qual poderia ser de destruição ou de preservação (dos materiais, escola, meio ambiente, etc.).

Assim, os alunos foram orientados para sentarem-se em roda e depois, foi jogada uma rosa no chão, porém no Grupo 1, antes que a atividade fosse explicada, um aluno perguntou quem havia morrido. Embora, esse tema não fosse o planejado, uma vez que o mesmo emergiu, passou-se a abordá-lo, questionando o aluno por que ele havia feito tal pergunta, este respondeu que quando uma pessoa morre, as outras jogam flores, pois ele já havia visto isso num enterro.

Depois foi dada a oportunidade para todos falarem a respeito, levando em conta que os alunos eram em número de 9 (havia faltado 1), somente um desses não havia perdido familiares próximos, ou seja, 88,89% dos alunos deste grupo, já haviam tido perdas deste tipo. Entre os relatos, um chama a atenção, pois um aluno disse que levava um tiro no pé, mas percebemos quando ele mostrou o pé que era uma fala fantasiosa, entretanto, quando chegou a sua vez de falar, disse que seu pai havia sido assassinado com um tiro, fato que foi confirmado por um primo, colega de classes.

Em um outro encontro, o qual consistia numa atividade de desenho, os alunos receberam uma cartolina, dividida em quatro partes iguais, sendo que em cada uma dessas partes os alunos deveriam realizar um desenho correspondente as seguintes questões: 1) Como é a sua relação com a sua família? 2) O que a sua família tem de especial? 3) O que já ocorreu em sua família que lhe chamou atenção? 4) Como você gostaria que a sua família fosse?

Uma vez realizados os desenhos, os alunos passaram a apresentá-los narrando o que haviam desenhado. Uma aluna, de 8 anos, do Grupo 2, desenhou no item 3, o caixão com o pai falecido e ela estava ao lado do caixão, bem como a sua mãe e sua irmã (Figura 1). Ao relatar o que havia desenhado começou a chorar e contou que a família morava em São Paulo e o pai que havia sido preso veio a fugir do presídio e a polícia ao encontrá-lo acabou matando-o. Esta disse que chorava, pois embora acreditasse no que a mãe dizia, que ele estava no céu, a mesma sentia saudades do pai. Com esta última fala demonstra que não basta a ela saber onde o pai (supostamente) se encontra, mas sim poder expressar a falta que sente deste.

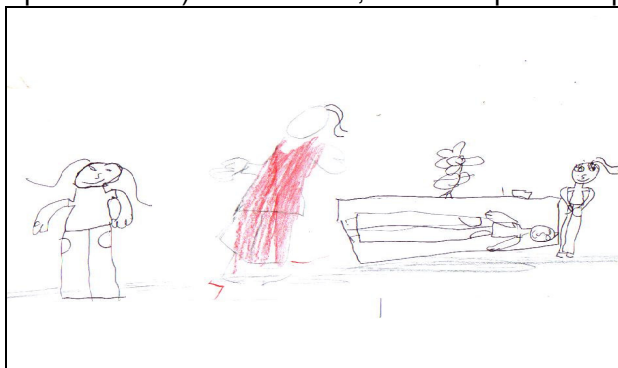


Figura 1 – Desenho realizado por uma garota de 8 anos de idade.

Nesta mesma atividade e também do Grupo 2, uma outra aluna, de 8 anos, desenhou no item 1, um coração contornado de preto (Figura 2) e disse que representava a lembrança que tinha do dia em que o avô faleceu, a mesma chorou muito ao dizer que estava brincando na sala, quando ouviu barulho de tiros (disparados no bairro onde morava) e seu avô, que não estava muito bem de saúde, sofreu um infarto e morreu. Narrou constantemente ver o vulto do avô e disse ter medo. Já no item 4 desenhou um coração com contornos coloridos (Figura 3) e relatou que ela não queria mais ver assombração e que sentia muita saudade do avô, pois era muito apegada a este.

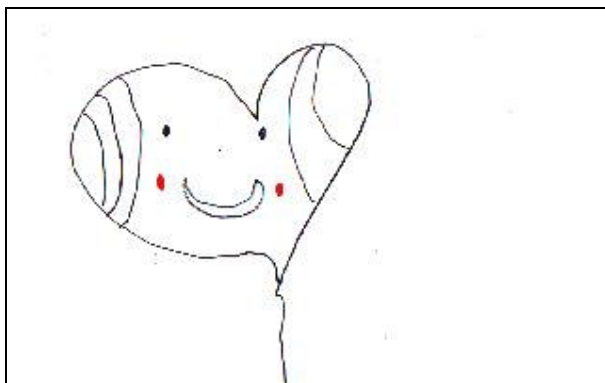


Figura 2 – Desenho realizado por uma segunda garota com 8 anos de idade.



Figura 3 – Segundo desenho realizado pela garota de 8 anos.

É importante salientar que o item 3, desta atividade, trata de como a aluna vê, atualmente, a si mesma e a família, neste ela expressa o seu luto em relação ao avô, bem como narra fatos que indicam, possíveis sintomas de uma elaboração mal resolvida deste luto (assombração e medo). Outro fator que chama a atenção é que no item 4, no qual ela retratou as suas perspectivas de futuro quanto a família e a si mesma, expressa o seu desejo de que desapareçam os medos e as assombrações, ou seja, expressa também que a vivência do luto do avô tem lhe causado sofrimento.

É importante ressaltar também que as crianças, de ambos os grupos, ao se expressarem sobre as suas vivências em relação à morte, fizeram isto sem que fosse realizada uma atividade direta a respeito do tema, ou seja, parece que diante a necessidade de expressarem-se sobre as suas experiências diante a morte, tão logo encontraram um canal de comunicação, estas projetaram os seus conteúdos no decorrer dos encontros.

Esses fatos denunciam a censura da morte na sociedade ocidental atual e, conseqüentemente, o despreparo dos seus integrantes para poder enfrentá-la. Não que as pessoas devam receber a notícia com a alegria de quem recebe flores num dia festivo, mas também não com o despreparo total de quem nunca pensou, se deparou ou pôde expressar sobre o que sentia e pensava a respeito, ou seja, com uma base mínima para vivenciar o processo de luto que é mais que legítimo e normal de se estabelecer neste tipo de situação.

Uma das possíveis soluções é que esta temática seja também levada em conta na educação e socialização dos indivíduos, tanto na família quanto na escola. E com isso, não quero dizer que se abra uma disciplina para tratar de abstrações sobre a morte e o morrer ou que uma vez por semana os pais ou professores sentem-se com as crianças para discutir sobre a morte. Porém, não se deve fugir do tema morte quando este emerge, seja no seio da família ou da escola, o assunto não deveria ser desviado, mas tratado com o intuito de fornecer ao indivíduo mecanismo para elaboração do luto.

Por exemplo, quando o cachorrinho da filha morre ao invés de correr a um *Pet Shop* e comprar outro semelhante, a fim de que ela não se dê conta do ocorrido, na verdade, os pais deveriam falar-lhe a respeito e deixar que ela fizesse as suas perguntas ou até mesmo que chorasse a perda do bicho de estimação.

Na escola, quando um aluno da classe ou um ente querido deste falece, a aula do dia seguinte ao sepultamento não deveria ocorrer como se nada tivesse acontecido, mas sim abrir espaço nesta, para que os alunos entrem em contato com esse conteúdo (pensamentos, sentimentos e emoções).

CONCLUSÃO

Embora a escola tenha dificuldades reais para tratar do tema morte (conforme foi abordado), isto não a isenta de tomar medidas para favorecer a ocorrência de uma educação para a morte, pois vencer esse desafio é de suma importância nos tempos de hoje, tal como a escola foi fundamental para que o sexo deixasse de ser (ou ao menos diminuísse) um tabu, sendo hoje um importante local, no qual muitos jovens recebem orientações sexuais.

Parece que o mesmo deve acontecer para uma educação para a morte, pois como apontou o filósofo Michel Montaigne (apud MARANHÃO, 1986, p. 63) “Quem ensinasse os homens a morrer ensinaria a viver”. Isso de fato faz sentido, pois a reflexão sobre a morte está intrinsecamente ligada a uma reflexão sobre a vida. Tendo em vista que, só é possível compreender o sentido da vida quando se compreende o sentido da morte.

Parece que *Eros* (vida) e *Thanatos* (morte) estejam mais interligados do que se possa imaginar, ou seja, ao contrário da relação dualista vida/morte que a sociedade ocidental tem construído, deveria-se pensar numa relação dialética, na qual a morte é antítese da vida, ou seja, ao contrário do que muitos pressupõem vida e morte não se contradizem, mas se complementam.

E a partir desse pressuposto podemos pensar que em um determinado momento da evolução humana, o homem tomou consciência de sua condição de mortal e talvez, essa tenha sido a condição necessária para que ele tomasse nas mãos as “rédeas” da vida e, conseqüentemente, tenha sido um fator fundamental para que a vida humana não tenha sucumbido, durante esses milhões de anos de nossa espécie.

Portanto, parece que paradoxalmente, a morte é a grande força motriz da vida humana e assim, reprimir da consciência humana a sua condição de mortal é filogenicamente um retrocesso e existencialmente, como apontava Heidegger (1989), a construção de uma vida inautêntica, pois somente quando o homem toma consciência da possibilidade de morrer, ou melhor, de que inevitavelmente morrerá, passa a construir possibilidades mais sofisticadas de viver.

REFERÊNCIAS

ANTISSERI, D.; REALE, G. **História da filosofia: do romantismo até nossos dias**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1991. v. 3.

ARIÉS, P. **Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Teorema, 1989.

CLÉMENT, É. et al. **Dicionário prático de filosofia**. Lisboa: Terramar, 1997. p. 406.

COE, A. J. H. **A morte no século XIX e a transferência dos enterros das igrejas para os cemitérios em São Luís**, 2005. Disponível em: <http://www.uema.br/revista_emfoco/anaisagostinho.htm>. Acesso em: 03 abr. 2006.

GIACOIA, J. O. **A visão da morte ao longo do tempo**. Ribeirão Preto, 2005; 38(1): 13-19. Disponível em: <http://www.fmrp.usp.br/revista/2005/vol38n1/1_a_visao_morte_longo_tempo>. Acesso em: 03 abr. 2006.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1989.

KOVÁCS, M. J. **A morte em vida**. In.: Bromberg, M. H. P. F. et al. **Vida e morte: laços da existência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

_____.(Org). **Morte e Desenvolvimento Humano**. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, 253 p.

_____. **Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SANTOS, M. S. R. **O sentido da perda na cidade**. Mestranda pelo PPGS-UFPb (Campus I – João Pessoa), 2000. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/paraiwa/00-santos>>. Acesso em: 03 abr. 2006.

SOUZA, M. B. **A morte esperada**. 2002. Disponível em: <<http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/jornal/mirellabravodesouza>>. Acesso em: 03 abr. 2006.

TORRES, W. C. A redescoberta da morte. In: GUEDES, W. G; TORRES, R. C; _____ (Org). **A Psicologia e a morte**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1983.

_____. **A criança diante da morte: desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

VILAR, M. **Luto e Morte: uma pequena revisão bibliográfica**. João Pessoa, 2000. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/01-Vilar.htm-25>>. Acesso em 03 abr. 2006.